

A desigualdade social em uma realidade tecnológica: o caso da Juv.TV, a WebTV da Rede Cuca

*Frederico Pinheiro de Souza Medeiros*¹

1 Introdução

Em 10 de setembro de 2009 a Prefeitura de Fortaleza inaugurou o primeiro Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, no bairro da Barra do Ceará. Seguido pelas unidades do Jangurussu e do Mondubim, estava formada, assim, a Rede Cuca. O Instituto Cuca é responsável por gerenciar o projeto, prestando serviço à Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. Atendendo prioritariamente jovens de 15 a 29 anos, moradores de bairros periféricos da cidade, são ofertados diversos cursos com o objetivo de solidificar o protagonismo cultural da juventude fortalezense.

A partir do núcleo de Comunicação da Rede Cuca, 15 participantes do programa de Monitoria de Jovens Comunicadores trabalharam na implementação de uma WebTV – espécie de adaptação do conteúdo televisivo para o formato da Internet (RIBEIRO, 2012). Ponto do contrato inicial entre a Prefeitura de Fortaleza e o Instituto Cuca, o projeto desenvolve programas, quadros, campanhas e séries, com o intuito de apresentar a pluralidade dos jovens de Fortaleza, através de produções ligadas ao esporte, à cultura, a comunicação e aos direitos humanos. Os

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Email: fredericomedeiros35@gmail.com

curso ofertados por essa iniciativa visam a produção de roteiros, cenários, gravações e edições de obras audiovisuais. O primeiro deles, “WebTV: Maratona de Séries”, foi realizado no Cuca Mondubim, entre os meses de fevereiro e março de 2018.

O projeto destacado ocorre em meio ao contexto da comunicação de massa da primeira metade do século XXI, onde a expansão da produção de conteúdo independente aparece como peça-chave para um melhor entendimento dos fenômenos comunicacionais. Antes, o “mundo da produção e do poder estava ocupado pelas organizações grandes e verticais” (CASTELLS, 2005, p. 18). Houve, desde então, uma maior segmentação em termos de produção e consumo de conteúdo, de forma acelerada após a consolidação da Internet. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, feita pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM) da Presidência da República, em 2016, metade da população brasileira com acesso à Internet, a utilizava todos os dias da semana (BRASIL, 2016). A mesma pesquisa, em 2014, mostra somente um quarto declarando usar à Internet todos os dias. Isso evidencia como as mudanças causadas pelas mídias digitais (e os dispositivos móveis) impactaram na ampliação dos hábitos de consumo de conteúdo dos brasileiros (BRASIL, 2014).

Com o aumento do consumo de conteúdo *online*, cresce também a produção. O crescimento das possibilidades para as pessoas colocarem em prática as suas ideias é visível. Contudo, a totalidade da sociedade não é refletida no conteúdo ofertado. Para muitos, esses avanços não impediram a organização do espaço público de comunicação de continuar “com o alheamento do povo, ou a sua transformação em massa de manobra dos setores dominantes” (COMPARATO, 2001, p. 10).

As políticas públicas aparecem com o intuito, ao menos em tese, de melhorar essa realidade. Temas como inclusão digital, democratização da comunicação e direito à comunicação vêm se tornando mais relevantes no debate público. Assim, com base no Direito à Comunicação reconhecido pelo Estatuto da Juventude,

levou-se em consideração para este artigo o trabalho consistente feito ao longo dos anos pela Rede Cuca, dando mais segurança para a escolha do estudo de caso: a Juv.TV. Essa, uma WebTV desenvolvida por jovens comunicadores dentro dos aparelhos públicos Cuca e hospedada na plataforma de distribuição de vídeos *online*, YouTube.

O Estatuto da Juventude, aprovado pelo Congresso Nacional em 2013, apresenta no artigo 27 da Seção VII – Do Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão duas medidas relevantes para as políticas públicas que trabalham a comunicação como um direito da juventude. São “[a medida] I - incentivar programas educativos e culturais voltados para os jovens nas emissoras de rádio e televisão e nos demais meios de comunicação de massa; [e a medida] II - promover a inclusão digital dos jovens, por meio do acesso às novas tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2013).

Tendo em vista o contexto social apresentado, buscou-se com este trabalho analisar de forma exploratória a comunicação desenvolvida pelos jovens da Rede Cuca no canal da Juv.TV e estabelecer padrões temáticos com as questões levantadas pelos pensadores trazidos neste artigo. Tendo em vista o caráter público da iniciativa, também foi avaliado se as medidas apresentadas no parágrafo anterior se fazem notar.

Para alcançar o objetivo apontado, procurou-se, através de revisão bibliográfica, apresentar uma contextualização a respeito da realidade a qual o objeto está inserido; traçando paralelos entre os temas da desigualdade socioeconômica e da “popularização” dos meios digitais no Brasil. Foram adentradas algumas questões pertinentes ao melhor entendimento do estudo de caso, como o histórico, a organização do conteúdo e as possibilidades futuras do projeto. A fim de realizar uma maior problematização, foram relacionados os dados coletados com a reflexão trazida através da revisão de literatura. Assim, visando a melhor análise possível, chegou-se a este percurso metodológico.

Para isso, foi necessário uma análise de viés qualitativo, se debruçando sobre o objeto a partir da interpretação da realidade social, não mensurável por meio das estatísticas características do método quantitativo. Estabeleceu-se uma reflexão através de um olhar mirando a “qualidade” dos dados coletados; ajudando na interpretação das subjetividades encontradas pela análise da literatura e dos dados provenientes do canal no YouTube – fonte de livre acesso encontrada na Internet.

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. [...] Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Partindo do interesse pessoal do autor pela temática apresentada, sobre a capacidade de transformação social no espaço público de comunicação, dentro do contexto digital do século XXI, chegou-se ao caso analisado. A importância do estudo se mostra evidente, quando a relevância da Rede Cuca na cidade de Fortaleza é confirmada pelo seu vasto alcance. Aproximadamente 63 mil jovens participaram das atividades de 2014 nos aparelhos públicos, com esse número crescendo para quase 100 mil jovens em 2016². O recorte pega como base a definição do Estatuto da Juventude, considerando como “jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”. Terreno fértil para pesquisadores, muitos deles da Universidade Federal do Ceará (UFC) e de seus laboratórios.

² A notícia Rede Cuca comemora três anos com investimentos e oportunidades, 2017, disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/rede-cuca-comemora-tres-anos-com-investimentos-e-oportunidades>>.

2 A Desigualdade Social em um mundo movido pelas Tecnologias de Informação e Comunicação

Segundo o sociólogo espanhol Castells (2005, p. 17), sobre o impacto dos avanços nas Tecnologias de Informação e Comunicação, é a “sociedade que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam a tecnologia”. Com a Internet, passou a existir uma rede de comunicação global e, idealmente, horizontal, onde as pessoas têm acesso a praticamente todo tipo de informação e podem alcançar, novamente em tese, a qualquer um no mundo. O que décadas atrás era impossível, hoje se tornou, senão uma realidade, uma possibilidade bastante forte.

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessa rede (CASTELLS, 2005, p.20).

Os dados sobre o acesso às tecnologias da comunicação no Brasil, mostram o contexto de desigualdade socioeconômica atual, onde, de acordo com a pesquisa TIC Domicílios (2014), estima-se que 30,6 milhões de residências brasileiras possuem computador, ou seja, 49% do total. A situação no Nordeste é ainda pior, tendo somente 30% dos domicílios com acesso à Internet. O número, todavia, tende a aumentar.

Dentro de um contexto globalizado, segundo a pesquisa internacional ICT Facts and Figures (2016), realizada pela União Internacional das Telecomunicações (UIT), agência da Organização das Nações Unidas (ONU), a Internet tem penetração em 83,8% dos domicílios dos países desenvolvidos, chegando a 84% na Europa (SANOU, 2016). A sociedade em rede transcende as fronteiras do globo, “a sua lógica chega a países de todo o planeta e

difundem-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia” (CASTELLS, 2005, p. 18). A consolidação da Internet como ferramenta de comunicação de massa, é exemplificada pelas bilhões de pessoas que nasceram em meio a explosão tecnológica do fim do século XX. Palfrey e Gasser (2011) os chamam de “nativos digitais”.

Palfrey e Gasser, na obra “Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais”, destacam a rapidez dessas mudanças, em velocidade nunca vista na história. A título de comparação, os autores trazem a invenção da imprensa, ressaltando o fato que, durante séculos, somente poucas pessoas puderam comprar livros impressos, como a Bíblia. “Em contraste, a invenção e a adoção das tecnologias digitais por mais de um bilhão de pessoas no mundo todo ocorreu no período de poucas décadas” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 13).

As gerações nascidas no mundo *online*, aparecem como ponto central dos estudos de Palfrey e Gasser (2011, p. 151) e também deste estudo. Classificados como nativos digitais, estes, agem sobre o corpo social de forma impensável anos atrás. Com diversas possibilidades de mídias, formatos e técnicas disponíveis, os jovens em questão exercem influência nos mais variados cenários digitais, não atuando como “consumidores passivos daquilo que a mídia apresenta, mas participantes ativos da criação de significado na sua cultura”. O fenômeno dos *influencers* nas redes sociais serve como exemplo disso, com uma massa considerável de jovens produtores de conteúdo comunicando para milhões de pessoas.

A grande maioria dos Nativos Digitais não está sonhando nem com fama nem com fortuna quando cria *online*. Simplesmente querem se expressar, como os seres humanos vêm querendo desde que fizeram suas primeiras pinturas nas cavernas mais de 30 mil anos atrás. O desejo de expressar suas próprias crenças e opiniões – de compartilhá-las com outras pessoas – é inerente à natureza

humana. Os avanços nas tecnologias digitais têm permitido que praticamente qualquer usuário com habilidades digitais básicas e acesso rápido à internet se expresse de maneiras criativas e a baixos custos. O impulso não é nada novo, mas as formas de expressão, sim. E o impacto sobre o modo em que as culturas passam a ser entendidas pode ser significativamente diferente do que nas eras anteriores (PALFREY; GASSER, 2011, p. 144).

A linguagem digital, entretanto, não é regra no vocabulário da maioria dos jovens nascidos no início de século XXI. Segundo Palfrey e Gasser (2011, p. 24), existem “bilhões de pessoas no mundo para as quais os problemas que os Nativos Digitais estão enfrentando são meras abstrações”. A caracterização de “nascido na era digital” requer do sujeito uma convivência com as tecnologias da informação e da comunicação desde os tempos de bebê. Essa realidade é compartilhada apenas por uma parcela dos jovens no mundo, evidenciando o fato da infância, como exposto por Prout (2004, p. 13), não ser um parâmetro ideal, e sim um período da vida humana, onde existe um “*gap* entre a imagem idealizada da infância e a difícil realidade para a maioria das crianças do mundo”.

Acerca do papel das tecnologias emergentes sobre os grupos oprimidos da sociedade, Alan Prout (2004, p. 122), no livro “*The future of childhood*”, usa a abordagem do filósofo italiano Gianni Vattimo, fazendo referência aos povos habitantes das “regiões anteriormente colonizadas do mundo, cujas lutas para libertar-se do domínio imperial coincidiam mais ou menos com o crescimento dos meios de comunicação de massa e uma tecnologia de comunicação global”. Fica sugerido, que, com a disponibilidade dessas formas de comunicação, as vozes de grupos sociais que antes não eram ouvidas, passaram a ganhar relevância. Assim, movimentos de luta pelos direitos civis conseguiram se articular durante a segunda metade do século XX, escapando da imposição de uma marginalização histórica. “Eles incluem, por exemplo, o movimento anti-racista dos negros, o movimento das mulheres e os gays” (PROUT, 2004, p. 122, tradução nossa).

Partindo de uma abordagem mais analítica sobre o ser humano, dentro do assunto da marginalização de determinadas camadas da sociedade, Foucault (1996, p. 10-11) apresenta, na obra “A Ordem do Discurso”, o princípio de exclusão da segregação da loucura; funcionando como “uma separação e uma rejeição”, segregando, desde a alta Idade Média, os loucos (cujo o discurso encontra resistência em relações aos demais) dos normais (donos da razão). Traça-se um paralelo com os temas da comunicação trazidos por este artigo e os problemas sociais enfrentados por pessoas que não seguem o padrão de normalidade (pobres e minorias, por exemplo), onde a segregação permite que a “sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância”.

Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na oposição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato (FOUCAULT, 1996, p. 10-11).

Foucault (1996, p. 10) coloca que o conceito de discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Esse poder, contudo, é tratado pelo autor como um sistema, uma rede, uma relação (de poder) englobando a todos.

A juventude, ou parte dela, também é marginalizada, e assim como a infância sofre comumente com “tendências universalizantes” inseridas no debate e nas políticas públicas. Cabe a sociedade questionar a concepção, por exemplo, de “uma ‘infância’ unitária que é regulada e ordenada por um conjunto de leis, políticas e práticas sociais que funcionam para varrer quaisquer diferenças entre eles” (JAMES; JAMES, 2004, p. 11, tradução nossa).

Completando, Palfrey e Gasser (2011, p. 148) alegam que o “principal benefício de nos movermos para uma cultura *online* global mais participativa e que requeira maiores habilidades nos conhecimentos digitais é que isso pode conduzir a democracias mais fortes”, se originando “de mais pessoas engajadas na criação, interpretação e recriação de significado na cultura”.

3 A WebTV da Rede Cuca e os seus jovens comunicadores

Com a produção de conteúdo direcionada à Internet crescendo vertiginosamente, fruto do sucesso das plataformas *online* de relacionamento, as redes sociais, que Gabriel (2010, p. 193) apresenta como “uma das formas de comunicação que mais crescem e difundem-se globalmente, modificando comportamentos e relacionamentos”, percebe-se um aumento de possibilidades para as pessoas colocarem em prática as suas ideias. Mesmo assim, o conteúdo ofertado ainda não reflete a totalidade da sociedade. Os avanços não impediram que, para grande parte da população, a organização do espaço público de comunicação continuasse “com o alheamento do povo, ou a sua transformação em massa de manobra dos setores dominantes” (COMPARATO, 2001, p. 10).

Tendo em vista o cenário apresentado, Gabriel (2010, p. 194) ressalta o papel dos dispositivos móveis (especialmente os *smartphones*) nos rápidos avanços tecnológicos, “permitindo que as interações nas redes sociais sejam em tempo real (*real time*), em qualquer lugar, [e isso] tem incentivado também, sensivelmente, a participação nas redes sociais”. As tecnologias, portanto, são colocadas como facilitadoras das interações e da comunicação humana.

A Rede Cuca, como política pública, faz parte da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, criada em 2007 pela Prefeitura de Fortaleza, sendo “responsável por desenvolver e coordenar políticas públicas voltadas para jovens,

como forma de garantir direitos e construir cidadania”³. Três Cucas estão operantes no ano de 2018, tendo como foco de atuação as áreas mais pobres da cidade. A meta é dobrar o número de aparelhos públicos da rede, abrangendo todas as regionais do município.

O projeto da WebTV da Rede Cuca, agora conhecido pelo nome Juv.TV, busca desenvolver o conhecimento sobre a linguagem audiovisual a partir de, entre outras coisas, aulas ofertadas que proporcionam aos jovens um maior contato com técnicas de câmera, fotografia, edição e atuação, dentre outras oportunidades de aprendizado. Muitos dos beneficiados, inclusive, têm a chance de serem introduzidos ao mercado de trabalho dentro dos próprios Centros Urbanos, por meio de programas de estágio e monitoria.

Sobre o fenômeno da WebTV, Ribeiro se posiciona da seguinte forma:

Ao incorporar padrões interativos, que transferem o poder de produzir e emitir informações para o tradicional receptor, a WebTV reafirma o seu potencial transformador e vai construindo um importante caminho para ser legitimada socialmente como um poderoso e importante meio de comunicação digital, baseado em redes *online* de televisão, um modelo que pode vir a ser conhecido simplesmente como CiberTV (RIBEIRO, 2012, p. 4).

O projeto aqui estudado se utiliza de várias plataformas auxiliares, como o site da Coordenadoria de Juventude⁴ e o Facebook da Rede Cuca⁵. O foco deste artigo é o canal no YouTube dedicado a Juv.TV⁶, voltado a dar vazão ao conteúdo audiovisual produzido dentro dos aparelhos públicos da Rede pelos jovens

³ Apresentação institucional, disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional/a-secretaria-358>>.

⁴ Site da Coordenadoria de Juventude de Fortaleza, disponível em: <<https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/>>.

⁵ Facebook da Rede Cuca, disponível em: <<https://www.facebook.com/redecuca>>.

⁶ Canal no YouTube Juv.TV, disponível em: <<https://www.youtube.com/juvtv>>.

participantes. Por se tratar do YouTube, onde o conteúdo é veiculado sob demanda, não é necessário uma grade de programação bem definida. Os esforços de produção, assim, podem ser direcionados as necessidades do momento. Todavia, a atividade nessa rede social é constante, sendo publicados, geralmente, de dois a três vídeos por dia, respeitando uma programação pré-estabelecida.

A Juv.TV da Rede Cuca, ao atuar para expandir as possibilidades de comunicação em diversos contextos socioeconômicos, é um dos exemplos de políticas públicas, feitas, segundo Peruzzo (2007, p. 2), “com objetivos explícitos de promover a conscientização, a organização e a ação de segmentos das classes subalternas visando satisfazer seus interesses e necessidades, como os de melhorar o nível de vida, através do acesso às condições de produção e de consumo”. Com a implementação da Juv.TV, jovens se engajaram em uma iniciativa de cunho educativo e cultural. Seguindo formatos previamente estabelecidos, como o rádio e a televisão, o conteúdo foi adaptado para a linguagem condizente a realidade vivida por eles e a comunicação de massa ao qual tinham acesso, a Internet. Pode-se reconhecer aqui o importante papel das políticas públicas que visam “assegurar a garantia de poder exercer os direitos de participação política na sociedade” (PERUZZO, 2007, p. 2).

A crescente participação e contribuição popular no espaço público de comunicação, devido principalmente a popularização dos dispositivos móveis, mencionada anteriormente como forma de comunicação de massa, “tem conduzido a uma cultura que é muito mais diversificada do que era algumas década atrás” (2011, p. 145). Voltando a Palfrey e Gasser, sobre a percepção em relação a diversidade nas plataformas digitais, os autores exploram dessa maneira:

A diversidade – a distribuição ampla de informações de uma grande variedade de fontes, cada uma competindo pela escassa

mercadoria da atenção – é importante porque aumenta os processos democráticos e a deliberação democrática. A diversidade proporciona às pessoas a oportunidade de terem acesso a uma série mais ampla de perspectivas. Também atrai as pessoas para conversas públicas, apresentando idéias e formas de expressão que podem atrair, desafiar ou até mesmo repeli-las. Em troca, a diversidade ajuda a direcionar a participação, dos jovens e de outros, nas conversas públicas (PALFREY; GASSER, 2011, p. 145).

Para investigar esse cenário, onde parte relevante das pessoas não conhecem um mundo sem Internet (PALFREY; GASSER, 2011), o caso da Juv.TV se mostrou valioso. O canal no YouTube, no dia 6 de junho de 2019, contava com 1.192 inscritos, 227 vídeos publicados e 30.095 visualizações. Se tratando de um canal com fluxo constante de atualização, esperava-se um pouco mais de alcance. Partindo do conteúdo e dos dados coletados, chamaram a atenção possíveis formas de ruptura, tanto em relação ao pensamento generalizador sobre a juventude enquanto agente transformadora (JAMES; JAMES, 2004), quanto em respeito a comunicação como ferramenta de manutenção do *status quo* (PERUZZO, 2007). O canal da Juv.TV acaba esbarrando na concorrência com produtores de conteúdo que estão mais encaixados nesses padrões.

O canal, a partir do olhar da juventude periférica – como o próprio nome faz referência: Juv.TV –, aborda temas sociais por meio de quadros problematizando questões como o feminismo (Girl Power – 12 vídeos) e a vida na periferia (Minha Quebrada – 13 vídeos e Conexões Periféricas – 21 vídeos); adentra o universo do jornalismo com diversos quadros (Reporter Cuca em 1 minuto – 83 vídeos, Reporter Cuca – 28 vídeos e Tá no ar? Juv.TV ao vivo! – 17 vídeos); além de falar de arte (Cineprosa – 13 vídeos e Música da Juventude – 7 vídeos) e esporte (Cuca Esporte – 16 vídeos) de forma despretençiosa, comum aos produtores de conteúdo no YouTube.

Por meio de análise superficial dos vídeos disponibilizados pela Juv.TV, foi identificado na maioria do conteúdo o tom informativo próprio do trabalho jornalístico. Isso se dá pela caráter formativo do projeto e de todo o núcleo de Comunicação da Rede Cuca, voltado a contribuir no crescimento humano e profissional dos jovens comunicadores; muito se devendo, também, a independência do projeto em relação a questões mercadológicas comuns a grandes emissoras. Os vídeos, mesmo assim, são em sua maioria roteirizados e possuem temas preestabelecidos. O conteúdo, por ser disponibilizado na Internet, está a alcance de todos, porém, a prioridade é a formação dos jovens comunicadores envolvidos com o projeto.

O cenário estudado aqui reflete as desigualdades brasileiras. A revolução tecnológica chegou a parte dessa realidade. A sociedade em rede só existe plenamente em áreas limitadas, em poucas sociedades (CASTELLS, 2005). O mundo é movido por essa lógica e as suas relações de poder, todavia, a maioria das pessoas continuam sendo excluídas. Muitos jovens moradores de bairros periféricos, por falta de estrutura e apoio, não possuem a base teórica e técnica mínima necessária para se expressarem de forma consistente no espaço público de comunicação. É com isso em mente, que políticas públicas, como as desenvolvidas dentro dos aparelhos públicos da Rede Cuca, mostram a sua relevância. O custo da produção de conteúdo pode ter diminuído, mas para uma parcela relevante da sociedade o direito à comunicação continua não sendo exercido.

A principal preocupação [...] é o impacto do abismo da participação. O mundo digital oferece novas oportunidades para aqueles que sabem como aproveitá-las. Essas oportunidades possibilitam novas formas de criatividade, aprendizagem, empreendimento e inovação. No passado, muitos teriam se preocupado com a “divisão digital”, a separação entre aqueles com acesso à rede e aqueles sem acesso a ela. Este é um problema persistente, mas não é tudo. A questão mais difícil surge quando

você percebe que acesso às tecnologias não é suficiente. Os jovens precisam desenvolvem uma alfabetização digital – habilidades para navegar neste mundo complicado e híbrido em que seus pares estão crescendo. Esta será uma desigualdade inusitadamente importante movendo-se para frente (PALFREY; GASSER, 2011, p. 24).

4 Considerações

As temáticas correspondentes ao campo comunicacional, ficam mais relevantes a medida que as novas tecnologias, alavancadas pela popularização da Internet, avançam modificando a sociedade e a sua lógica vigente. Como tratado ao decorrer do artigo, até mesmo a ausência de contato com a tecnologia pode ser objeto de estudo, se considerarmos o mundo atual. Em contextos de pobreza e desigualdade social, foi percebido, a partir da literatura trazida, como o interesse de vários pesquisadores relevantes (COMPARATO, 2001; PERUZZO, 2007) se voltou para essa temática. Por meio de estudo de caso, foi analisado neste artigo como é estabelecido através de políticas públicas um ambiente de contato entre os jovens, moradores de bairros periféricos de Fortaleza, e as mais diversas possibilidades técnicas e teóricas de comunicação. Buscando garantir, além de uma formação crítica sobre o campo comunicacional e o seu lugar como comunicador, o direito à comunicação da juventude.

De início, objetivou-se avaliar o contrato de gestão entre a Prefeitura de Fortaleza e o Instituto Cuca, e também o planejamento desenvolvido pelo núcleo de Comunicação da Rede Cuca para a WebTV. Ou seja, focando mais na avaliação da política pública. Assim, as informações extraídas dos documentos poderiam ser expostas, auxiliando na preparação de questionários para entrevistas com os responsáveis pela implementação da TV *online* – diretor do núcleo, professores, monitores (incumbidos da produção e da curadoria do conteúdo), entre outros. As entrevistas não foram viabilizadas devido a limitação de tempo disponível, ficando para o

futuro a possibilidade de dar continuidade ao levantamento. Pode-se, com isso, buscar fortalecer a metodologia, ampliar o alcance da coleta dos dados, além das entrevistas, visando fornecer um histórico mais preciso (início, desenvolvimento e estado atual) e um maior senso de escopo (tamanho da equipe, quem são os componentes e como se organizam) sobre o projeto.

Diante das dificuldades encontradas por este artigo, a pesquisa exploratória cumpriu bem o seu papel, sendo possível compreender de forma geral o projeto da Juv.TV e as suas implicações na formação dos jovens comunicadores da Rede Cuca. O estudo de caso se mostrou recompensador, podendo ser abordado de diferentes formas na área acadêmica. Aqui, questões como a formação do jovem e do comunicador se fizeram notar, assim como a conscientização sobre os direitos da juventude. Para outros pesquisadores, este artigo pode servir como referência para outros estudos sobre o assunto. Para demais iniciativas, pode ajudar a dar algum rumo a novos projetos.

É importante destacar o papel da Rede Cuca, sendo um espaço que oferece um mundo de possibilidades de pesquisa sobre o tema da juventude. O aparelho a partir de suas ações consegue ajudar na formação de milhares de jovens, viabilizando o surgimento de vozes que, caso não houvesse a iniciativa do poder público, possivelmente não apareceriam. Essas vozes são importantes dentro desse contexto social altamente desigual e dominado por poucos. E é essa restrição do acesso dos jovens ao espaço público de comunicação, atualmente tomado pelas mídias digitais, que serve como evidência da incapacidade da expansão tecnológica, de garantir, por conta própria, o direito à comunicação. Os aparelhos da Rede Cuca servem como exemplo de uma política pública bem sucedida, mas que por conta própria também não garante esse direito. O direito é de todos.

Este artigo trouxe, também, ganhos pessoais, possibilitando um melhor entendimento sobre a temática da juventude e a sua relação com a mídia em um contexto de desigualdade

socioeconômica. Área de grande interesse do autor. Visou-se, com esta pesquisa, contribuir um pouco com o campo teórico estudado e adquirir novas perspectivas relacionadas a temática.

Referências

- BRASIL. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> . Acesso em: jul. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília, DF, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia - 2016**. Brasília, DF, 2016.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. A **sociedade em rede. Do conhecimento à ação política**. Debates- Presidência da República. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 17-30, 2005.
- COMPARATO, Fábio Konder. **A democratização dos meios de comunicação de massa**. Revista USP, n. 48, p. 6-17, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. Edições Loyola, 1996.
- GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégias**. Novatec Editora, 2010.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Penso Editora, 2011.
- PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Lumina, v. 1, n. 1, 2007.

PROUT, Alan (Ed.). **The future of childhood**. Routledge, 2004.

RIBEIRO, Daniela Costa. **WebTV: perspectivas para construções sociais coletivas**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Recuperado de [www. bocc. ubi. pt](http://www.bocc.ubi.pt). Consultado em, v. 24, 2012.

SANOU, Brahima. **ICT facts and figures 2016**. International Telecommunication Union, 2016.

TIC DOMICÍLIOS. 2014. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros 2014**. São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil.

JAMES, Allison; JAMES, Adrian. **Constructing childhood: Theory, policy and social practice**. Macmillan, 2004.